

VII SEMINÁRIO
INTERNACIONAL

MULHER E LITERATURA XVI SEMINÁRIO NACIONAL

TEMA: MULHERES DE LETRAS - DO OITOCENTISMO À CONTEMPORANEIDADE: TRANSFORMAÇÕES E PERSPECTIVAS

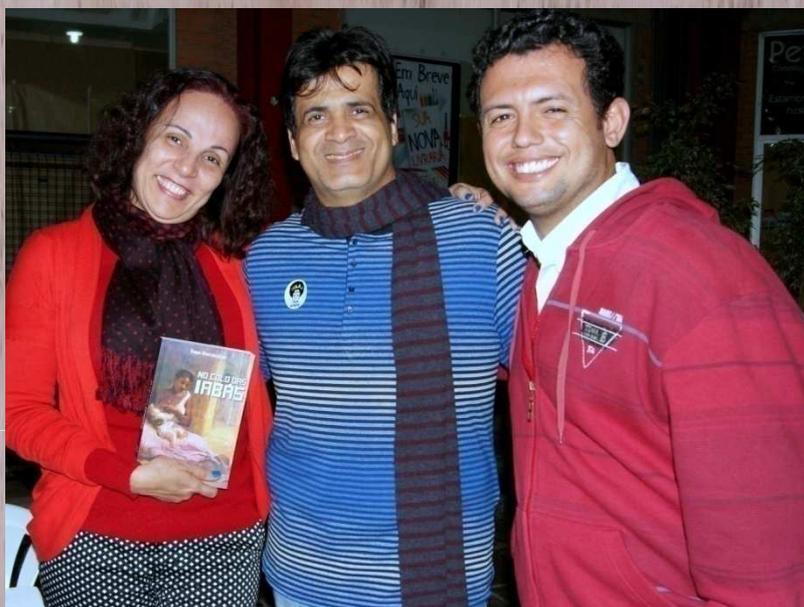
HOMENAGEADAS: ESCRITORAS DO PARTENON LITERÁRIO

FOTOGRAFIAS

LANÇAMENTOS

PÔSTERES

PARTENON LITERÁRIO



















de Elisa Lispector

Ana Beatriz Mello Santiago de Andrade

orientadora: Profª Draª Simone Pereira Schmidt



Elisa Lispector (nascida Lea, em 1911, na Ucrânia, filha mais velha de Pedro (Pinkhous) Lispector e Marieta Kringóli. Aos dez anos de idade, vive o processo de exílio da vinda para o Brasil em 1921. Tendo a mãe doente, Elisa assume a casa e a família.

Em seu romance *No exílio*, a escritora Elisa Lispector vem de uma família ucraniana ao Brasil em exílio: pai, mãe e ela são os personagens do texto da autora. A leitura que se faz é a do conceito de espaço biográfico proposto por Leonor Arfuch. Arfuch destaca, além das questões autobiográficas de Philippe Lejeune, a mudança de pessoa durante o texto e o uso de pseudônimos, o que modifica o autor por trás do personagem. É o que acontece no livro

Em *No exílio*, é perceptível a dualidade que Arfuch indagação do mundo privado versus consciência histórica. Ao mesmo tempo são narrados os dilemas interiores da jovem Lizza, o plano de fundo na Ucrânia, a violência a devastação e o exílio da família. A narração cotidiana e das tradições judaicas faz com que se construa para o leitor um panorama do contexto específico em que se encontrava a autora/na obra. Pretende pensar, no texto de Elisa Lispector, é a questão da viagem, da mudança de espaço e a escrita da autora como um espaço de tempo.

Para a leitura de *No exílio*, foi necessário um pacto com a autora: Elisa: o pacto autobiográfico de que fala Lejeune. Não busquei nas palavras uma verdade, procurei ler a verdade que ela me ofereceu. Esse e outras obras fazem com que se perceba a linha tênue que há entre a autobiografia e o romance. *No exílio* pode ser lido como um espaço autobiográfico: junção de autobiografia e romance autobiográfico.

Sobre a questão do exílio na literatura, Claudio Guillén aborda o aspecto da vivência do exilado em diferentes níveis de tempo: presentes, passados (re)vividos, (re)vistos e escrito na obra de Elisa Lispector. A escrita, portanto, a narração da memória, dos dias de viagem ao Brasil e de um novo lugar.

Conclui-se, portanto, que a leitura do romance *No exílio* de Elisa Lispector permite aproximações com o que se tem de conhecimento sobre a vida da autora e traz a possibilidade de reflexão acerca da questão do exílio, a memória e o espaço biográfico.



Referências Bibliográficas:
ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Leonor Arfuch; tradução, Paloma Vidal. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
GUILLÉN, Claudio. *O exílio dos desterrados: literatura e cultura*.



Mulheres de Atenas e as questões feministas

VII SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR
MULHER E LITERATURA
XVI SEMINÁRIO NACIONAL

Autora:
Jessica Pizzi
Orientador:
Carlos Augusto Fontaine Lobo



Introdução: Conhecida na voz de Chico Buarque e por isso lembrada até hoje, "Mulheres de Atenas" foi escrita para a peça homônima de Augusto Boal e suscitou a indignação de grupos feministas nos anos 1970.

Objetivos: O presente estudo busca reavivar e discutir e justificar a polêmica que para o feminista não passou de incompreensão de grupos por ele chamados de radicais.

Metodologia: Foram utilizadas as considerações de Lutz Tilly sobre os elementos para análise de canção popular, as considerações da professora Adriane Duarte sobre a adaptação de peça de teatro para o teatro de Augusto Boal em "Mulheres de Atenas", bem como as obras de próprio Boal sobre seu teatro do Oprimido.

Discussão: A canção, composta por dois homens, é parte da peça feminista também escrita por um homem em uma época em que o movimento feminista reaparecia no Brasil. Ela pode conter

de estabelecimentos por meio de uma análise citando interpretações e reflexões do espectador em relação ao teatro.

Resultados: Há uma crítica, porém, uma ambiguidade na interpretação de um texto que se pode afirmar com certeza em relação a perpetuação do machismo.

Referências:

- BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- DUARTE, Adriane. "Mulheres de Atenas" e o teatro do Oprimido. In: "Mulheres de Atenas" e o teatro do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- TILLY, Lutz. "Canção Popular e Teatro do Oprimido". In: "Canção Popular e Teatro do Oprimido". Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.



VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA XVI SEMINÁRIO NACIONAL

MARIA BENEDITA BORMANN (DÉLIA) E SEU ROMANCE LÉSIA: O TORNAR-SE AUTORA E UMA GENEALOGIA CLÁSSICA

INSTITUTO BRASILEIRO DE LINGUAGEM (IBRAN) FACULDADE DE LETRAS (FACLE) UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar o romance Lésia, de Maria Benedita Bormann, sob a perspectiva da crítica feminista e da teoria da recepção. O texto discute a construção da personagem Lésia e o papel da autora no processo de tornar-se autora.

METODOLOGIA E OBJETIVOS

Este trabalho tem como objetivo analisar o romance Lésia, de Maria Benedita Bormann, sob a perspectiva da crítica feminista e da teoria da recepção. O texto discute a construção da personagem Lésia e o papel da autora no processo de tornar-se autora.

BIOGRAFIA DA AUTORA

Maria Benedita Bormann nasceu em 1925, em Uberlândia, Minas Gerais. Ela é uma escritora brasileira conhecida por seus romances e contos. Seu trabalho literário é marcado por uma forte presença feminina e uma abordagem crítica da sociedade.

O TORNAR-SE AUTORA

O processo de tornar-se autora é um tema central no romance Lésia. A autora discute a construção da personagem Lésia e o papel da autora no processo de tornar-se autora.

A PRESENÇA DA GENEALOGIA CLÁSSICA

A presença da genealogia clássica é um elemento importante no romance Lésia. A autora discute a construção da personagem Lésia e o papel da autora no processo de tornar-se autora.

IMAGENS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA XVI SEMINÁRIO NACIONAL

"MULATA EXPORTAÇÃO", UMA VISÃO CRÍTICO-FEMINISTA

Denise Brito Silva (PIBID/CAPES/DLI-UFES)
Departamento de Letras
Orientadora: Profa Drª Jeane de Cássia Nascimento (DLI - UFES)

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho relatamos as experiências realizadas pelo PIBID/UFES, com os alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Vice-Governador Benedito Figueiredo, em Itabaiana, Sergipe, a partir do tema "Mulata Exportação", baseado no poema da autoria de Elisa Lucinda. As ações realizadas dimensionaram a visão crítico-feminista presente no poema, a partir de parâmetros definidos pela lei 10.639, que aborda o estudo de obras da literatura afro-brasileira no ensino fundamental e médio, além de pressupostos teóricos da crítica-feminista observados nos textos críticos de Luiz Carlos Moreira Rocha (2004) sobre a poesia de Lucinda, e de Sandra Sacramento (2006) sobre o cerceamento da voz da mulher e a função da memória.

OBJETIVOS

Desconstruir, junto a estudantes do ensino fundamental, o imaginário estereotipado da mulher negra brasileira, que quase sempre está associado ao mito de uma fundação escravocasta, revelando uma perspectiva de representação que remete a mulher negra afro-mestiça ao desfrutável e ao silenciado.

Mulata exportação

Mas que negra linda
E de olho verde ainda
Oino de veneno e açúcar!

DISCUSSÃO

As atividades realizadas com os discentes repercutiram de forma positiva, levando os mesmos à discussão e à reflexão sobre a condição da mulher negra, principalmente a brasileira na sociedade atual, e como ela esteve e ainda continua condicionada a visões da figura negra feminina como produto de consumo. Ou seja, as mulheres mestiças e negras, em vez de serem uma referência de beleza, são comercializadas como frutas exóticas por personalidades da mídia em nome de uma "imaginação democrata racial". O poema de "Mulata Exportação", de Elisa Lucinda, além de revelar a condição da mulher negra na contemporaneidade, valoriza a memória viva de sua cultura, imprimindo um caráter evidente de protesto contra a discriminação. Rocha resalta que, de alguma forma, o poema de Lucinda assinala avanços oriundos da luta de comunidades contra a discriminação racial. Já Sacramento aborda a representatividade da mulher mestiça como patrimônio e cultura, imagem oriunda de uma visão etnocêntrica, o que permitiu uma leitura atenta a esse detalhe.

RESULTADOS





VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA XVI SEMINÁRIO NACIONAL

A representação da personagem feminina e as interações de poder e autoridade em *O Quinz*, de Rachel de Queiroz

Giulia Menegat Delazeri
giudelazeri@hotmail.com
Orientador: Prof. Dr. Carlos Augustus Bonifácio Leite
guto.leite82@hotmail.com

Introdução

O presente trabalho disserta acerca das personagens femininas na obra *O Quinz*, escrita por Rachel de Queiroz em 1930. Mais especificamente, traça-se um perfil descritivo das duas figuras mais marcantes do romance, Conceição e Cordulina. Nesse sentido, estabelece-se as condições de emancipação despendidas por cada uma dessas protagonistas, no que se refere às suas conjunturas de legitimidade na sociedade brasileira do início do século XX. Além disso, esse trabalho trata do desdobramento de uma tese que busca discutir a noção de autoridade reconhecida nas interações das figuras femininas Conceição e Cordulina. Reconhece-se a posição da entidade auxiliar e, igualmente, da entidade que é subjugada por essa relação.

Objetivos

Geral
Analisar as personagens femininas no romance *O Quinz*, de Rachel de Queiroz.

- Específicos**
- Traçar um perfil descritivo das personagens femininas, identificando suas condições e especificidades;
 - Identificar as conjunturas de legitimidade de Conceição e Cordulina, no que se refere às possibilidades emancipatórias para mulheres brasileiras nos anos de 1930;
 - Estabelecer as relações de poder entre as personagens estudadas.

Metodologia

- Leitura direcionada da obra literária, buscando identificar e registrar trechos na parte em que a figura feminina é apresentada no romance;
- Análise da narração em terceira pessoa, com suporte contextual, e análise dos diálogos em primeira pessoa, a fim de traçar esse esboço e perfil e as relações das figuras estudadas;
- Interpretação e análise dos contextos sociais apresentados com o intuito de estabelecer as conjunturas de legitimidade de ambas as personagens no romance e na sociedade em geral.

Discussão

O protagonismo de Conceição
Conceição protagoniza o romance *Quinz*. Ademais, é caracterizada por se constituir como figura feminina que se afasta da condição de submissão e marginalidade subjugada às mulheres na literatura tradicional e clássica. Primariamente, quando em se tratando de casamento, é concebida como desistente tradicional de interação social à mulher - a moça é resignada e fidelidade. Além disso, é particularizada por desobedecer o hábito e a paixão pela leitura, assim como por escrever poemas e atuar como professora. Ou seja, Conceição é estabelecida como cidadã culta e detentora de qualidades modernas, ao passo que não eram comuns a mulheres no início do século XX, quando se passa a ação da obra.
Por fim, Conceição também se caracteriza por fazer parte de uma camada social diferenciada das demais apresentadas na obra. Justamente com Vitor e Dona Inácia, faz parte da classe socialmente e economicamente superior.

Em síntese, a moça representa a condição de emancipação e autoridade da mulher que, no entanto, só consegue se materializar após que ela seja reconhecida, trabalho traçado na posição social e material da sociedade.

O antagonismo de Cordulina

Opõe-se a Conceição, Cordulina demonstra a condição de submissão da mulher. Apesar de Clara, filha de Vitor, a submissão da mulher frente à figura masculina é econômica a qual está inserida. Socialmente, não é reconhecida e, a partir desse momento, torna-se uma personagem secundária. Assim, Cordulina não consegue estabelecer uma condição econômica, que a tornaria independente, digna e respeitável. Essa condição só se estabelece a partir da autoridade social e econômica, como pela condição de casamento.

Resultados

Traçou-se o perfil feminino de ambas as entidades supracitadas. Baseando-se na obra *O Quinz* de 1930, a autora apresenta a moça e a mulher tradicional. Porém, a moça é caracterizada por sua diferenciação de ações, suas condições de emancipação e suas possibilidades de interação social. Já a mulher tradicional é caracterizada por sua submissão e sua condição de marginalidade. De certa maneira, a moça é reconhecida socialmente e a mulher é subjugada socialmente. Assim, Conceição é reconhecida e Cordulina é subjugada.







VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
MULHER E LITERATURA
XVI SEMINÁRIO NACIONAL

Para além de um romance policial: uma leitura da condição feminina

OBJETIVO: Analisar a condição feminina no romance policial *Senhora da Solidão* (2003) de Carmen L. Avila. Autora: Marcela Serrano, Aléxia Rosa. Como se configura a leitura da personagem Rosa dentro da obra?

METODOLOGIA: Construção de um arcabouço teórico com base em estudos de recepção, da questão da mulher e da crítica feminista. A análise passa a hipótese de uma leitura que considera a perspectiva da mulher quanto leitora/personagem/escritora da obra, e o que a singulariza.

DISCUSSÃO: Rosa, a personagem principal, busca solucionar o desaparecimento da escritora Carmen L. Avila. Para tanto faz leitura de todas as suas obras, nas quais descobre pistas e fragmentos da vida e de onde a escritora poderia estar. Assim, a análise da representação do sujeito feminino no romance, por meio do percurso de investigação empreendido por Rosa, possibilita uma leitura diferenciada da obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A realidade deste estudo evidenciou que a feminina em questão, representada no romance, rompe com os padrões preestabelecidos pela sociedade, reinventando-se. Rosa não tem uma postura passiva diante dos fatos, pois seu percurso de leitura se amplia na medida em que a sensibilidade em relação à vivência de Carmen se aprofunda, o que acarreta a ampliação dos horizontes de recepção da obra, surpreendendo o leitor.

RESUMO: Sobre a desconstrução "romã e crítica" de *Senhora da Solidão*. In: *Revista de Estudos em Letras*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2008.

ABSTRACT: *Senhora da Solidão*. In: *Revista de Estudos em Letras*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2008.

KEYWORDS: *Senhora da Solidão*. In: *Revista de Estudos em Letras*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2008.

RESUMEN: *Senhora da Solidão*. In: *Revista de Estudos em Letras*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2008.

ABSTRACT: *Senhora da Solidão*. In: *Revista de Estudos em Letras*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2008.



O RETRATO DA MULATA NO CONTO "MARCELINA", DE LUANDINO VIEIRA

Daynara Lorena Aragão Côrtes (PIBID/CAPES/DLI-UFS)
Orientadora: Jeane de Cássia Nascimento Santos (DLI-UFS)

INTRODUÇÃO

A partir da proposta temática do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do departamento de Letras Itabaiana (DLI), o intuito de inserir no contexto escolar uma nova perspectiva a respeito da cultura africana e da sua influência na formação cultural brasileira, permeou-se através da análise conjunta do conto "Marcelina" presente na obra *A cidade e a infância* do escritor angolano José Luandino Vieira. A oficina, cuja abordagem teve como intento despertar a curiosidade dos alunos sobre as diferenças e semelhanças existentes entre Angola e Brasil, foi realizada junto aos alunos do 9º ano do ensino fundamental da escola Municipal Josué Passos, situada na cidade de Ribeirãopolis, no estado de Sergipe, no mês de Julho de 2015. Com base nos distanciamentos e aproximações entre essas duas culturas, ocasionadas pelo contato frequente no período escravista em que ambas vivenciaram, centramos nossa análise no contexto sócio-histórico de Angola, ainda colônia portuguesa, na década de 50, séc. XX para melhor compreender a representação da personagem-título. À vista disso, para começo de análise, o aporte teórico encontrado em Fanon (1975) e Memmi (1967), contribuíram para o entendimento do processo de colonização, dos resquícios gerados pelo sistema colonial, suas condições impostas e, ainda, a intensificação da miscigenação após o domínio português.

OBJETIVOS

Apresentar o contexto sócio-histórico de Angola no séc. XX;

DISCUSSÃO

Levando-se em consideração os princípios externos e internos de estudo da narrativa proposta por Todorov (1939), a análise do conto não seguiu o caminho da abordagem estrutural descritiva do texto, princípio em que o crítico mais se debruça. Nossa intenção, no entanto, foi compreender a narrativa na perspectiva crítico-social, pois trata-se de um texto publicado no final da década de cinquenta em Angola, período anterior à Guerra de Libertação angolana. Durante a leitura, muitos aspectos foram levantados, tais como o contexto histórico do período, o mulatismo e, em especial, a representação da mulher no quadro social exposto. Quanto às personagens, centramos nossa análise em Marcelina, personagem principal, que representa o estereótipo da mulher mulata, vítima da exploração sexual, devido ao contexto social de exploração em existente. Sendo assim, como lhe são fornecidos poucos meios de ascender socialmente ou sair da condição vulnerável que se encontra, o caminho mais propício é embranquecer-se para não regredir, portanto, é nesse âmbito que o narrador descreve o ambiente que a mulata vive. Filha de um homem branco e, provavelmente, de uma mulher negra, Marcelina era mãe de uma criança branca e ganhava a vida como prostituta, enquanto esperada o rapaz que lhe prometera casamento. Desse modo, consideramos que Marcelina configura não somente o fruto da intensificação da miscigenação em Angola durante a colonização, mas um dos resquícios gerados pelo sistema colonial: a exclusão. Neste aspecto,

VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
MULHER E LITERATURA
XVI SEMINÁRIO NACIONAL

VOZ E VEZ DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Vanessa de Almeida Santiago (PIBID/CAPES/DLI-UFS)
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Jeane de Cássia Nascimento Santos (DLI-UFS)

INTRODUÇÃO

A memória é uma construção, nela está depositada não só o ideal de um indivíduo, mas de uma coletividade, a qual na maioria das vezes luta para que a cultura de um determinado grupo social não pereça e continue viva não só na memória, como também nas práticas socioculturais. A coletânea de Conceição Evaristo intitulada *Poemas da recordação e outros movimentos* (2011) pode ser mencionada como um "arquivo da escravidão", que mistura testemunho e ficção, a partir de elementos de caráter autobiográfico, já que certos poemas são dedicados a alguns parentes. Tomando como ponto de partida a Lei 10.639/03, que orienta a inclusão do ensino da cultura africana e afro-brasileira nas salas de aula, bem como as considerações de Fonseca (2002) e Schmidt (2002), é possível observar que Conceição tenta dar voz e vez às classes marginalizadas pela sociedade, aos oprimidos, sobretudo às mulheres negras e pobres que sofrem mais de um tipo de preconceito, como por exemplo: de gênero, étnico e social. Ou seja, Conceição Evaristo, como escritora, militante, mulher e negra, através do "eu" poético de seus poemas, evidencia aqueles que foram excluídos e de alguma forma silenciados.

DISCUSSÃO

Em geral, as obras de Conceição Evaristo versam sobre questões relativas à memória, à feminilidade e à resistência negra a partir de uma visão afrodescendente, ou seja, de um ponto de vista no qual o negro não é estereotipado, pois não é de hoje que a sociedade valoriza o branco e, em contrapartida, deprecia o negro. Diante disso, a memória surge como uma tentativa de não esquecer o passado, tornando-se um suporte para que possamos lutar por condições de vida condizentes, numa tentativa de superar traumas e perversidades relacionadas à diáspora africana. Em *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2011), Conceição nos traz um poema intitulado "VOZES-MULHERES", que trata da questão das vozes femininas, antes silenciadas, mas que hoje vivem a liberdade:

*... A voz de minha mãe! sempre balbucio revolta! no fundo das coxilhas afeladas. Já minha voz
então minha voz sempre presenciei como riuas de sangue! no fume! A voz de minha mãe recorre todas as
noites nozes!... as vozes minhas cantadas! engarrafadas nos garrafões! / Na voz de minha mãe se
faz ouvir a recordação! O con-ra-ve-ri-berdade. (EVARISTO, p. 18, 2011)*

Esta obra, tem como plano de fundo um "arquivo memorial da escravidão", pois, conforme Fonseca, a produção das escritoras afro-brasileiras trazem em seus versos a beleza de seu continente e as atrocidades impostas pela colonização.

OBJETIVOS

RESULTADOS



VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
MULHER E LITERATURA
XVI SEMINÁRIO NACIONAL

“A Identidade da Mulher Negra em “Resgate”

Jessica Andrade Almeida (PIBID/CAPES/DLI-UFS)

Jessicaandrade.jc@gmail.com

Departamento de Letras

Orientadora: Dr^a Jeane de Cássia Nascimento (DLI – UFS)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta resultados referentes às oficinas aplicadas em sala de aula, na escola Municipal Vice Governador Benedito Figueiredo, localizada na periferia de Itabaiana-SE com os alunos do 7º e 9º Ano do Ensino Fundamental através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/Letras. Nas oficinas foi abordada a Lei 10.639/03, a qual trabalha a inserção da Cultura e literatura Afro no ambiente escolar, além do estudo crítico do poema “Resgate”, da autora Alzira Rufino, retirado do livro *Eu, Mulher Negra, Resistio*.

OBJETIVOS

Desconstruir o imaginário estereotipado da mulher através do poema “Resgate”, de Alzira Rufino e do estudo da Lei 10.639/03, desenvolver oficina em turmas do 7º. E do 9º. do Ensino Fundamental que promova debates acerca do preconceito de gênero e do preconceito etnoracial que permeiam

RESGATE

Sou negra ponto final
Devo-me a esta identidade
Resgate minha certidão
Sou negra sem reticências
Sem oígulos e sem ausências
Não quero mais me-clarar
Sou negra habilitada
Sou negra nota caravana
Sou negra ponto final.

Alzira Rufino

DISCUSSÃO

Num país fortemente marcado pelo patriarcalismo e pelo preconceito da cor, especialmente contra as mulheres, a poetisa Alzira Rufino, através de seus poemas, estimula a conscientização das mulheres, de forma que elas não se sujeitem aos estereótipos e preconceitos que as condenam à exclusão. Segundo a própria autora: “Na medida em que se libertam dos estereótipos de mulata-tipo exportação, acreditando no seu potencial intelectual e na sua própria força, as mulheres negras fortalecem sua autoestima, apoiadas em sua história de resistência.” (RUFINO, 1997, p.23). Durante as oficinas aplicadas, foi trabalhado com os alunos (que, inclusive, em sua maioria, eram negros) que não devemos aceitar os estereótipos criados pela sociedade, que devemos ter orgulho de nossa cor e que o lugar da mulher negra é onde ela quiser. O poema “Resgate”, nesse sentido, estimulou a discussão e a posterior produção de poemas pelos estudantes envolvidos.

RESULTADOS

Percebemos que as ações executadas pelo PIBID,




MULHER E LITERATURA
XVI SEMINÁRIO NACIONAL

BEATRIZ, HEROÍNA ÉPICA?

Jussiana Souza de Andrade (Graduada/UFS)
Projeto de Pesquisa: Histonografia épica brasileira (CIMEEP/UFS)
jussianasa@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta um estudo do papel desempenhado por Beatriz em *A Divina Comédia*, discutindo e dimensionando se ela pode ser considerada também uma heroína do poema. Beatriz é personagem do livro *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, escrito no início do século XIV. A epopeia está dividida em três partes, as quais podem ser consideradas como uma estrutura de representação da visão de mundo espiritual na concepção cristã: "Inferno", "Purgatório" e "Paraíso". Utilizamos como embasamento para a reflexão propostas e considerações sobre a obra feitas por Leo Pollmann (1973), Jonathan Black (2013) e Cristiano Martins (1991) e os pressupostos de Tamalho (2004 e 2013) sobre o gênero épico. O foco no heroísmo épico leva em consideração a necessidade de o/a herói/heróina épico/a assim se caracterizar pelo duplo trânsito entre o histórico e o maravilhoso. Dada a inserção de Beatriz em ambos os planos,

DISCUSSÃO

Cristiano Martins nos relata um fato revelador em relação à presença do maravilhoso na vida de Dante Alighieri: o impacto da segunda visão que teve de Beatriz e o sonho que resultou desse encontro rápido, mas impressionante para o jovem de dezoito anos:

Ela ostentava um vestido estreito, inteiramente branco, e que, na sua sobriedade, lhe acentuava a radiosa beleza. Ao passar por perto, voltei seus verdes olhos a Dante, que se deixara ficar a contemplá-la, siderado ante a visão inesperada, e lhe sorriu, num aceno cortês e amigável. O jovem Alighieri sentiu-se como que conduzido aos parâmetros do êxtase. Era a segunda vez que a via assim tão de perto, e a primeira que seus lábios se haviam entresbertado para lhe dirigir a palavra (1991, p. 39).

A partir dessa descrição torna-se notório o tamanho da admiração que Beatriz despertava em Dante. A morte prematura da jovem Beatriz e o impacto

O Partenon Literário

VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
MULHER E LITERATURA
XVI SEMINÁRIO NACIONAL



HOMENAGEADAS:
ESCRITORAS DO PARTENON LITERÁRIO

TEMA:
MULHERES DE LETRAS - DO OITOCENTISMO
À CONTEMPORANEIDADE: TRANSFORMAÇÕES
E PERSPECTIVAS

14 a 16
SETEMBRO
2015
CAXIAS DO SUL, RS

UCS
UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS
UCS | UNIRITTER
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

INFORMAÇÕES:
bit.ly/mulhereliteratura

PATROCÍNIO:



APOIO:



VII SEMINÁRIO
INTERNACIONAL

MULHER E LITERATURA

XVI SEMINÁRIO
NACIONAL



HOMENAGEADAS:
ESCRITORAS DO PARTENON LITERÁRIO

TEMA:
MULHERES DE LETRAS - DO OITOCENTISMO
A CONTEMPORANEIDADE: TRANSFORMAÇÕES
E PERSPECTIVAS

14 a 16
SETEMBRO
2015
CAXIAS DO SUL, RS

UCS
UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

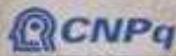
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS
UCS | UNIRITTER
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

INFORMAÇÕES:
bit.ly/mulhereliteratura

PATROCÍNIO:



CAPES



APOIO:

ASPEN

VALTEC

SANAE

**HUGO
PIETRO**

GIACOMIN

O Partenon Literário

Na segunda metade do século XIX, na década de 60, o Rio Grande do Sul, através da ampliação de suas indústrias, dos meios de transporte e comunicação, conheceu um período de desenvolvimento econômico intenso, especialmente nas cidades de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. Paralelamente, a cultura rio-grandense também se desenvolvia através do trabalho de escritores que utilizavam as páginas dos jornais para a divulgação de sua obra. Com características de um Romantismo tardio e com resquícios árcades, surge o *Partenon Literário*, fundado em 18 de junho de 1868.

A associação, que teve papel relevante tanto na consolidação da literatura quanto da cultura sul-rio-grandenses, teve como uma de suas grandes realizações a *Revista Mensal*, que serviu como meio de divulgação da literatura e do pensamento dos principais escritores da época, além de servir como elemento aglutinador de ideias, reunindo seus participantes, numa verdadeira efervescência intelectual, em torno de discussões de temas que acabariam por inquietar o provincianismo do estado.

Dentre um universo composto predominantemente por homens, agremiados que se evidenciavam por seu valor literário, ou pelo exercício de outra atividade intelectual, Guilhermino César destaca o inexpressivo número de mulheres que integraram essa agremiação. Dentre os inúmeros objetivos que pautaram as atividades dessa Sociedade, cabe salientar: "libertar a mulher de certos preconceitos e atraí-la a cultivar o espírito – tanto em reuniões literárias pela imprensa e o livro" (CESAR, 1956, p. 178). Esse propósito nascia das ideias defendidas pela professora Luciana de Abreu e a poetisa Amália dos Passos Figueirôa, que acabariam por influenciar um dos temas para debate na Sociedade: "Por que razão a mulher não goza da liberdade do homem? Deve gozá-la?" (CESAR, 1956, p. 180).

REFERÊNCIAS:

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *O Partenon Literário: imprensa e sociedade literária*. In: ZILBERMAN, Regina; SILVEIRA, Carmen Consuelo; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). *O Partenon Literário: poesia e prosa - antologia*. Porto Alegre: Escola Superior de Tecnologia São Lourenço de Brades / Instituto Cultural Português, 1990.

*Luciana
de Abreu*



EMANCIPAÇÃO DA MULHER

Luciana de Abreu

“[...]

Minhas senhoras, permiti que nos lembre a mais possante idéia que o Partenon Literário tem abraçado. Já vedes que falo da Instrução, dos direitos, da emancipação da mulher. É que o Partenon compreendeu que, sem a realização dessa idéia, todas as outras não seriam mais que frases pomposas e elegantes, destinadas a ornarem o vocabulário das línguas; e que só a mulher culta e moral saberia resolver com vantagem os difíceis problemas da instrução universal, do luxo em relação à posição social e pecuniária do indivíduo; e que só ela poderia plantar no coração da mocidade os sãos princípios da ordem na liberdade.

Um dia apareceu nesta tribuna uma mulher tão fraca e obscura quanto o pode ser aquela que não tem um apelido dourado ao sol de cem batalhas, nem distintivo nas lutas da inteligência, cujos pés se não apóiam no bezerro da moderna Babilônia, nem a fronte aureolada pela coroa do gênio; pois bem, o Partenon não desdenhou a sua fraqueza, nem sorriu ao ver sua ousadia; abriu-lhe, de par em par, as portas de seu santuário como as de seu coração, confiou-lhes o que tinha de mais poderoso - a sua tribuna - e prestou-lhe todo o apoio que essa idéia exigia.

E se hoje alguém perguntar a essa mulher: - quem sois, e o que pretendeis? ela de certo responderá comovida: - sou filha do Partenon Literário, desejo ver a mulher na altura sublime a que a destinou a Providência; e ao Partenon considero como o mais denodado campeão, nesta santa cruzada do futuro. [...]”

*Amália
dos Passos
Figueirôa*



FALENA

Amália dos Passos Figueirôa

Na aurora da vida gentil e faceira
Nos bailes a vi!
Cingia-lhe a c'roa de acácia singela
A fronte mimosa tão pálida e bela
Da lânguida huri!

Valsava e sorria! nos lábios de rosa
De puro carmim,
Boiava esse riso de arcanjos divinos
Que movem as cordas etéreas nos hinos
De algum bandolim!

Eu vi-a nas veigas sorrindo contente
Na beira do mar!
E a túnica branca caía-lhe às plantas
Envolta nas gáseas diáfanas mortas
Sorria a brincar.

Sorria e brincava: na face mimosa
Brilhava o prazer!
E as mãos delicadas tão pequeninas
Lá iam as flores das verdes campinas
Travessas colher!

Criança não rias! há dores pungentes
No triste acordar!
Mas ela corria colhendo as acácias
Pousando de leve nas rosas das várzeas
Falena do ar!

Criança! Não sonhes! há horas de dores
Na vida de amar!...
E a linda brincando e sorrindo contente
Qual louca gaivota que pousa à corrente
Não quis me escutar!

Criança, desperta!... não vivas de sonhos,
Virá o descrer!
E a louca, mimosa, travessa Falena,
Co'as asas partidas, tombada na arena
Eu vi-a morrer.

Luiza de Azambuja



Da autora gaúcha Luiza de Azambuja constam poucas informações nas fontes bibliográficas consultadas, restringindo-se apenas ao registro de que a autora compôs, juntamente com Amália dos Passos Figueirôa, Luciana de Abreu e Revocata Heloísa de Melo, a plêiade feminina que participou da Sociedade do Partenon Literário.

Revocata
Heloísa
de Melo





PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE
PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS – ASSOCIAÇÃO AMPLA UCS/UNIRITTER
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

VII SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA XVI SEMINÁRIO NACIONAL

TEMA: MULHERES DE LETRAS - DO OITOCENTISMO À CONTEMPORANEIDADE: TRANSFORMAÇÕES E PERSPECTIVAS
HOMENAGEADAS: ESCRITORAS DO PARTENON LITERÁRIO

REITOR

PROF. DR. EVALDO ANTONIO KUIAVA

VICE-REITOR

PROF. DR. ODACIR DEONISIO GRACIOLI

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROF. DR. JOSÉ CARLOS KÖCHE

PRÓ-REITOR ACADÊMICO

PROF. DR. MARCELO ROSSATO

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROF. DR. EVERALDO CESCUN

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE E DO PROGRAMA DE DOUTORADO EM LETRAS – ASSOCIAÇÃO AMPLA UCS/UniRitter

PROF. DR. JOÃO CLAUDIO ARENDT

COORDENADORA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

PROFA. DRA. CRISTINA LÖFF KNAPP

COORDENADORAS GERAIS DO MULHER E LITERATURA

PROFA. DRA. CECIL JEANINE ALBERT ZINANI e PROFA. DRA. SALETE ROSA PEZZI DOS SANTOS

FOTOGRAFIA e EDIÇÃO DE IMAGENS

GERUSA BONDAN e JULIANA ROSSA

EDIÇÃO GERAL DE IMAGENS

RODRIGO LUPINACCI VILLANOVA